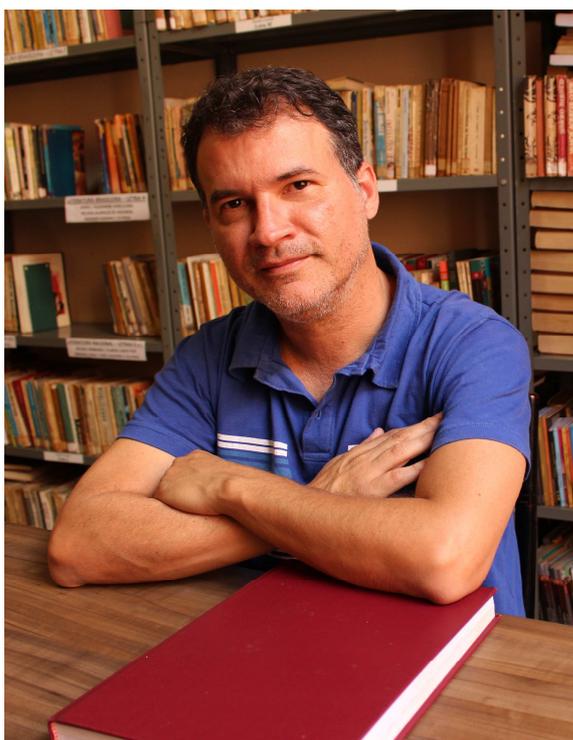


ENTREVISTA COM O PROFESSOR DOUTOR HELCIO RIBEIRO CAMPOS



Fonte: Acervo pessoal de Helcio Ribeiro Campos.

Natural de Ipanema, Minas Gerais, cidade do leste mineiro, próxima da região geopolítica dos Aimorés. Desde então já esteve em outras cidades e Estados, perfazendo o que denominou “geografia pessoal”. Fez graduação em Geografia na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), concluída em 1994. O Mestrado e o Doutorado foram em Geografia humana na Universidade de São Paulo (USP), concluídos em 2003 e 2006, respectivamente. Fundador e, atualmente, coordenador do Grupo de Pesquisas em Território,

Ambiente e Socialidades (TAS), que deu origem à Revista *PluriTAS*, de cunho interdisciplinar, onde atua como editor. Orgulhosamente professor há 25, atualmente responde pelo Blog *Futebol, Cultura e Geografia*.

O que o levou a estudar e trabalhar com Geografia?

Helcio Campos. Ainda garoto, aos 12 anos, recorde de uma redação que fiz na minha então 6ª série. Nela, dizia que queria ser geógrafo. Nessa época, minha família já tinha morado em três Estados e algumas cidades diferentes. Durante as viagens, meu pai comentava sobre cada localidade. Sem dúvida,

essa foi uma fonte de inspiração.

Mais velho, percebi o amplo leque de opções de análise da sociedade e de seus arranjos espaciais conformados que a Geografia me traria. Entender o que eu via, desde aqueles 12 anos, compunha uma senda de compreensão e de luta social e territorial que nunca abandonaria.

Ademais, via a Geografia como uma oportunidade de reunir distintas porções do saber que me interessavam bastante, da política à música, passando ainda pela literatura e futebol.

Ainda garoto, aos 12 anos, recordo de uma redação que fiz na minha então 6ª série. Nela, dizia que queria ser geógrafo. Nessa época, minha família já tinha morado em três Estados e algumas cidades diferentes. Durante as viagens, meu pai comentava sobre cada localidade. Sem dúvida, essa foi uma fonte de inspiração.

 Sua formação é em licenciatura, bacharelado ou em ambos? Como foram seus primeiros anos de atuação?

Helcio Campos. Fiz “apenas” a Licenciatura. Cursei todas as disciplinas oferecidas para o Bacharelado e até monitor de três delas eu fui. No entanto, nunca voltei para defender a monografia, uma vez que já tinha começado a docência. Isso ocorreu, em boa medida, como um meio de prover o tratamento e a análise do quadro clínico de minha filha, Thaís, nascida em 1992 com cegueira, autismo e problemas mentais.

Juiz de Fora, hoje caminhando para os 600 mil habitantes, não tinha sequer ressonância magnética em 1992. Foi aí que entrou São Paulo na minha vida e na da Thaís. Lá conheci a USP e decidi que um dia estaria lá para aprimorar meus estudos. Isso só virou realidade quando a professora Amália Inés Geraiges de Lemos aceitou um então desconhecido como orientando. Esse dia mudou a minha vida. No doutorado, repetimos a “dobradinha”. Obrigado!!!

O quadro clínico da Thaís, que supracitei, só foi descoberto a partir de outro de quem sou grato: veio da competência do médico Nione, seu primeiro avaliador em São Paulo.

Até isso ocorrer, precisei me ocupar com a garantia do tratamento médico, motor e psicológico dela. Assim, o mestrado chegaria apenas em 2003 e a docência seria minha aliada. Daí até o doutorado houve mais preocupações econômicas e muitas aulas dadas!

Minha atuação primeira como professor se deu em virtude de uma necessidade numa escola da periferia de Juiz de Fora, Minas Gerais. Seu diretor à época recorreu ao Departamento de Geografia da UFJF, o qual me indicou para o cargo por meio da professora Maria Aparecida Gonçalves. A ela devo (e sou muito grato) pela minha iniciação docente.

Nessa primeira escola encontrei uma turma atípica para o seu bairro-sede, o São Benedito. Quem é de Juiz de Fora sabe do que estou falando! Depois, atuei mais uma vez por convite. Dessa vez, do ex-diretor dessa primeira escola. Fiz substituições nos turnos da manhã e da noite.

Os primeiros desafios estavam postos para mim, um então jovem professor: alunos trabalhadores (do noturno), dar continuidade a um trabalho docente que não é o seu, não tem a sua perspectiva analítica, e deparar com um livro didático assaz tradicional e mnemônico.

Por outro lado, esses “sofrimentos” também me mostravam que a formação universitária (Licenciatura) tinha me dado condições críticas e de conhecimento. A base da graduação é primordial e deixo aqui o registro da competência dos professores que tive, e também ao longo da vida. Obrigado!

[Os primeiros desafios estavam postos para mim, um então jovem professor: alunos trabalhadores (do noturno), dar continuidade a um trabalho docente que não é o seu, não tem a sua perspectiva analítica, e deparar com um livro didático assaz tradicional e mnemônico.]

Passei a atuar desde o início do período letivo no ano seguinte a esse das substituições. Continuei na escola pública e na que atuei logo na sequência desses fatos, lecionei para um menino curioso, bem informado e desejoso de se tornar geógrafo. O futuro anunciaria Nathan como um dos nossos.

 Atualmente você atua no Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais. Os Institutos Federais passaram por uma ampliação considerável nesses últimos anos. Como é a experiência de atuar em um instituto que atua na formação de nível superior, técnico e tecnológico? Há integração entre estas distintas formações?

Helcio Campos. Os Institutos Federais não são ainda totalmente conhecidos pela população e até por professores e demais profissionais. Surgiram como uma oportunidade de levar uma formação profissional para o interior brasileiro, principalmente. Nossas universidades nasceram bem antes e, via de regra, nas capitais e cidades maiores.

Desse modo, o interior do país ficava sem escolas de qualidade. Hoje, resultados dos alunos dos Institutos Federais se equivalem e são até superiores aos de discentes de países com grande tradição e competência escolar, quando foram submetidos aos mesmos exames.

O maior benefício dos Institutos Federais foi o de melhorar o acesso do brasileiro do interior e com poucos recursos ao ensino gratuito de qualidade. Nossa Escola Básica foi solapada por décadas. Governos neoliberais, aliados de interesses internacionais e meramente financeiros, corruptos, entre outros,

[O maior benefício dos Institutos Federais foi o de melhorar o acesso do brasileiro do interior e com poucos recursos ao ensino gratuito de qualidade. Nossa Escola Básica foi solapada por décadas. Governos neoliberais, aliados de interesses internacionais e meramente financeiros, corruptos, entre outros, arruinaram com a formação profissional do brasileiro e, em particular, com a de professor. Esse viés perverso de “governo” está – tristemente – em curso.]

arruinaram com a formação profissional do brasileiro e, em particular, com a de professor. Esse viés perverso de “governo” está – tristemente – em curso.

Por isso, “ninguém” quer ser professor. A boa formação educacional passou a ser um privilégio (e comprado, evidentemente).

Nós, professores dos Institutos Federais, lutamos contra esse quadro histórico da educação nacional. A instituição onde atuo possui cursos que favorecem uma continuidade vertical, ou seja, o aluno pode ir do curso técnico ao superior dentro da mesma área de conhecimento, embora não seja uma regra.

Em todos os níveis, o discente pode ter contato com experiências formadoras que ele desconheceria na escola pública ou particular, como a iniciação científica e a docente, ambas com remuneração.

Como um todo, mesmo com a distribuição nacional dos Institutos Federais, o Brasil é um país que ainda requer cuidados educacionais, os quais podem atingir a distribuição de renda, o que seria um grande feito para todos nós e um papel social importante dos seus docentes.

[Nós, professores dos Institutos Federais, lutamos contra esse quadro histórico da educação nacional. A instituição onde atuo possui cursos que favorecem uma continuidade vertical, ou seja, o aluno pode ir do curso técnico ao superior dentro da mesma área de conhecimento, embora não seja uma regra.]

 Sua tese de Doutorado propõe uma interessante relação entre polarização urbana, identidade territorial e a torcida por times de futebol que, inclusive, converteu-se no livro *Identidade: reconhecendo alguns significados e territórios*, publicado pela Editar. Essa pesquisa é fruto de uma experiência pessoal?

Helcio Campos. Sim. A ideia central de que os territórios das torcidas representam uma emanção das cidades-sedes dos clubes nasceu da

observação, da empiria, dos tempos em que residi em Juiz de Fora. Em Geografia Urbana, temos tradicionalmente os mesmos itens analíticos de polarização entre cidades (influência urbana), tais como o fluxo para os equipamentos educacionais, de comércio e de saúde, por exemplo.



Na defesa da tese, com a Professora Amália Inés Geraiges de Lemos (orientadora) e os demais professores da banca: Ricardo Antas e André Martin (USP), Vicente Pinto (UFJF) e Gilmar Mascarenhas (UERJ) - da esquerda para direita

Fonte: Acervo pessoal de Helcio Ribeiro Campos.

Apesar de outras atividades de consumo ligadas ao lazer (que não o futebol) serem consideradas na determinação das áreas de polarização urbana, o futebol e o alcance territorial de uma dada torcida não compõem, em praticamente exemplo acadêmico nenhum, uma forma de analisar a influência entre cidades.

Minha observação, que deu origem à tese, surgiu em Juiz de Fora, que é a principal cidade da Zona da Mata, mesorregião do sudeste mineiro, com intensos vínculos históricos com a cidade do Rio de Janeiro. A Mata é uma tradicional hinterlândia carioca. Fui morar em Juiz de Fora aos 12 anos. Observei que seus habitantes eram aficionados por times do Rio, algo que não ocorria comigo.

Ao longo do tempo, percebi que outras camisas, que não exclusivamente as das equipes cariocas, foram, gradativamente, tornando-se

mais comuns na cidade. Converti tal informação para a tese: relacionei tal fato com aspectos midiáticos (jornais surgidos, as transmissões dos jogos via rádio e TV) para o entendimento dos vínculos (históricos, futebolísticos, urbanos e outros) de Juiz de Fora e da Mata Mineira com o Rio e com sua aproximação mais recente com Belo Horizonte e o restante de Minas Gerais.

Fiz o mesmo quanto aos aspectos econômicos – caso do ouro, café e industrialização – e sempre com o futebol como meio de consecução dos nexos entre Juiz de Fora-Mata e Rio e/ou Belo Horizonte. Diante de todos os vínculos levantados, cheguei até ao estabelecimento de uma “Fute-
iconografia”: relacionei emblemas, hinos, denominações clubísticas, entre outros, que evocavam nexos urbanos entre tais áreas.

Ainda percebi que as estradas funcionaram como um meio de criar influência urbana, desde os tempos da União e Indústria, ainda no XIX, até as rodovias atuais. Sobre estas, cotejei os percentuais de torcidas dos clubes do Rio e de BH. Os resultados mostraram que o efeito-proximidade tinha valia quanto aos territórios das torcidas e que as rodovias estavam cumprindo o mesmo papel que um dia foi das ferrovias. A diferença está no fato de que as redes ferroviária e rodoviária pretéritas convergiam, no início, basicamente para o Rio de Janeiro. BH só entrou em condições de concorrer com o Rio pela Mata Mineira cerca de 100 anos depois, já em meados do século XX.

Ao dimensionar essas vinculações dos matenses com o Rio ou com o restante de Minas, atingi o ponto analítico de considerar as identidades territoriais. Foi aí que desmascarei o mito da anti-mineiridade como uma verdade para a Zona da Mata: os vínculos urbanos e futebolísticos com o Rio

[...] Desmascarei o mito da anti-mineiridade como uma verdade para a Zona da Mata: os vínculos urbanos e futebolísticos com o Rio de Janeiro são inegáveis, mas a negação de Minas pelos matenses e juizforanos, particularmente, é exagerada ou mesmo falsa.

de Janeiro são inegáveis, mas a negação de Minas pelos matenses e juizforanos, particularmente, é exagerada ou mesmo falsa.

Desse modo, a tese teve amplo caminho nos termos da Geografia (Urbana) e dos tangenciamentos com outras ciências. Daí o padrão atípico de seu volume: mais de 650 páginas.

O livro *Identidade: reconhecendo alguns significados e territórios* abrange uma parte de toda essa extensa tese, mas foca nos aspectos midiáticos e identitários que unem pessoas e clubes de futebol e a um dado território, dando conformação a áreas de influência em diferentes nuances (urbano, cultural e clubístico, entre outros). A parte específica da polarização urbana cambiante da Mata Mineira entre Rio e BH não aparece no livro.

Distribuí o livro, gratuitamente, para algumas bibliotecas, incluindo de universidades, assim como o fez Mara Costa, que assina o livro comigo. Nossa iniciativa foi divulgar nosso tema comum de pesquisa, a “identidade”, mas mantendo cada qual o seu viés, a sua abordagem.

Não temos distribuição nacional do livro, o qual está disponível em livrarias apenas em Campinas (Pontes), Juiz de Fora (Vozes) e Barbacena (Bernadete). As demais cidades são atendidas por meio do contato via correio eletrônico (helcio.campos@ifsudestemg.edu.br).

O livro *Identidade: reconhecendo alguns significados e territórios* abrange uma parte de toda essa extensa tese, mas foca nos aspectos midiáticos e identitários que unem pessoas e clubes de futebol e a um dado território, dando conformação a áreas de influência em diferentes nuances (urbano, cultural e clubístico, entre outros).

 Por favor, conte-nos um pouco sobre como parte dos resultados de sua pesquisa foram parar no Blog que você criou (Futebol, Cultura e Geografia).

Helcio Campos. O Blog *Futebol, Cultura e Geografia* (FCG)¹ surgiu como um meio de popularizar as pesquisas e descobertas da tese, ao mesmo tempo em que mantinha a verve acadêmica. Por isso, em sua página está posto “blog para pesquisadores e para todos”. A ideia de criar um blog que reúne Geografia e Futebol também é uma forma de combater as escassas pesquisas feitas por nós, geógrafos, nesse filão temático.

Nesse sentido, o FCG tem uma seção *Biblioteca do Futebol* que já é uma base para a consulta de pesquisadores e de todos os interessados no futebol como manifestação social, política, cultural, entre outras, e, claro, geográfica. Enfim, poder observar o futebol sem a frivolidade com qual é costumeiramente tratado até e, sobretudo, entre os intelectuais, aqueles que deveriam apresentar um meio para que a população possa saber mais de si, de suas cidades e de suas manifestações sociais, como possibilita o futebol.

Sendo uma continuidade da tese, o FCG tem a Zona da Mata como “tema natural”, bem como a mídia e, claro, os nexos territoriais e urbanos estabelecidos sob a chancela futebolística. Foi assim que lancei a série “O Futebol de Muriaé”, fiz entrevistas com jogadores oriundos da região, que atuaram em seus clubes ou com algum vínculo regional, como o goleiro Joélcio (Tombos); Aílton Ferraz (então técnico do Tupi); o campeão da Libertadores de 76 pelo Cruzeiro, Isidoro (Viçosa); Joílson (que jogou pelo Tombense); Mauro Galvão (quando esteve em JF); e João Batista (Cataguases), que foi do futebol amador para o Galatasaray e o Shakhtar.

A ideia da identificação territorial permeou essas nossas entrevistas, o mesmo valendo para a do professor “Lulu”, da Comunidade Paraíso (Viçosa),

[...] Poder observar o futebol sem a frivolidade com qual é costumeiramente tratado até e, sobretudo, entre os intelectuais, aqueles que deveriam apresentar um meio para que a população possa saber mais de si, de suas cidades e de suas manifestações sociais, como possibilita o futebol.

¹ Disponível em: <<http://www.geoculturadofutebol.blogspot.com>>.

cujo time só permite jogadores-moradores ou convidados por algum membro da comunidade.

Página inicial do Blog *Futebol, Cultura e Geografia*

Fonte: < <http://geoculturadofutebol.blogspot.com.br/>>.

O FCG aborda temas e espaços fora da Mata e de Minas Gerais. A matéria “Visitas aos Estádios”, por exemplo, analisou as cidades, estádios e clubes de Curitiba e Barcelona à luz dos pertencimentos e da valorização da história das equipes em consonância com os territórios e a sociedade que representam.



Durante entrevista para o FCG com João Batista

Fonte: Acervo pessoal de Helcio Ribeiro Campos.

Há uma série sobre *Futebol e Mídia*. A questão midiática está muito estabelecida no FCG, com textos sobre predileção clubística; se a TV aberta

realmente põe no ar uma relação justa entre territórios e torcidas; além de um histórico sobre a mídia esportiva nacional.

Por fim e como amálgama de todos os temas, o FCG tem como meta estabelecer os contatos entre Geografia e Futebol, às vezes tendo mais ou tendo menos viés acadêmico, mas sempre prezando pela articulação entre Geografia e Futebol.

Sob tal contexto e temática, convido os leitores de *Geodiálogos* a conhecerem e navegarem o blog, esperando pela contribuição dos interessados em construir esse elo entre Geografia e Futebol.

Ainda pensando na divulgação de nossa ciência geográfica, também sou fundador da Revista *PluriTAS*², que está ancorada na página do Instituto Federal de Barbacena. Faço o mesmo convite do FCG para nossos pares da Geografia (que desejam divulgar suas pesquisas) que vejam a *PluriTAS*, uma revista interdisciplinar.

É isso o que tenho feito há 25 anos. É assim que dialogo com o saber geográfico.



Página inicial da Revista *PluriTAS*

Fonte: <<http://ojs.barbacena.ifsudestemg.edu.br/index.php/PluriTAS/index>>.

² Disponível em: <<http://ojs.barbacena.ifsudestemg.edu.br/index.php/PluriTAS/index>>.

